

# TEOLOGIA E MAGISTÉRIO

## A MULHER NA VIDA DO MUNDO E DA IGREJA, SEGUNDO OS ENSINAMENTOS DE S. JOSEMARÍA ESCRIVÁ

MARIA HELENA PRATAS

*Como é amplamente conhecido, o Fundador do Opus Dei, veio transmitir ao mundo, por querer divino, a mensagem da santificação no trabalho profissional e no cumprimento dos deveres quotidianos do cristão. Este caminho de santidade aplica-se a todos, sejam eles homens ou mulheres. É idêntica a vocação à santidade e ao apostolado em todos os âmbitos da actividade humana. Por esse motivo, o que S. Josemaría Escrivá tem a dizer, di-lo tanto a elas como a eles, indistintamente. Através da sua mensagem, dos seus escritos e da sua pregação oral, Deus dirige-se a todos; a cada um chama à santidade, de cada um pede amor.*

Por esse motivo, o Fundador do Opus Dei não dedica nenhuma das suas obras especificamente às mulheres ou ao tema da Mulher. No entanto, em Fevereiro de 1968 concedeu uma entrevista sobre “A Mulher na Vida do Mundo e da Igreja”, onde expõe de um modo bastante amplo as principais linhas do seu pensamento sobre o papel da mulher na família, na sociedade, no mundo do trabalho, na Igreja<sup>1</sup>. A importância dada a estas questões, assim como as ideias feministas, recrudesciam nos anos 60. Readquiria especial relevo o tema do papel da mulher na sociedade. Reivindicavam-se posições de igualdade de oportunidades no acesso ao trabalho, ao exercício de uma profissão fora do lar, contrapondo-se esta legítima aspiração à dedicação exclusiva à família, até então considerada, em grande parte, a sua função.

Monsenhor Escrivá afirmava noutra entrevista: «*não vejo nenhuma razão pela qual (...) se deva fazer qualquer distinção ou discriminação em relação à*

*Sagrada Comunhão?*»

1. Esta entrevista foi publicada em Portugal num livro que se intitula *Temas actuais do Cristianismo*, 3.ª ed., Prumo-Rei dos Livros, Lisboa, 1984, nn. 87-112.

*mulher. Todos os batizados – homens e mulheres – participam igualmente da comum dignidade, liberdade e responsabilidade dos filhos de Deus. Na Igreja existe esta unidade radical e necessária que já São Paulo ensinava aos primeiros cristãos: não há judeu, nem grego; não há servo, nem livre, não há homem, nem mulher (Gal 3, 27-28)». E continuava: «exceptuando a capacidade jurídica de receber ordens sagradas – distinção que por muitas razões, também de direito divino positivo, considero que se deve reter –, penso que se deve reconhecer plenamente à mulher na Igreja (...) os mesmos direitos e deveres que aos homens»<sup>2</sup>. Sabia bem que esta posição encontraria resistência nalgumas mentalidades, mas acreditava que essas reticências iriam caindo pouco a pouco. A seu ver, a igualdade essencial entre o homem e a mulher exige precisamente que se saibam captar ao mesmo tempo os papéis complementares de um e outra no progresso da sociedade civil, pois não foi em vão que Deus os criou homem e mulher. Tanto o homem como a mulher se devem sentir justamente protagonistas da história, mas um e outra de forma complementar<sup>3</sup>.*

Podemos considerar que S. Josemaría Escrivá foi pioneiro, também no tema da mulher. Efectivamente, defendeu como poucas pessoas o fariam na sua época, o papel da mulher em todos os âmbitos da vida civil e eclesial. Mas fê-lo não tanto na teoria, como sobretudo na prática. Abriu panoramas inusitados de intervenção em todas as profissões e situações da vida social, impulsionou e animou as mulheres do Opus Dei a lançarem-se em aventuras apaixonantes de transformação da vida social e cultural em países de todo o mundo, advertindo, ao mesmo tempo, para a realidade da igualdade radical, à face de Deus, mas também para a complementaridade dos dois sexos. Antecipa assim, com dezenas de anos de antecedência, o que viria a afirmar o Concílio Vaticano II no Decreto sobre o Apostolado dos Leigos (AA, 9) e o que viria a desenvolver o Papa João Paulo II, em vários documentos, mas sobretudo na Carta Apostólica sobre a Dignidade e a Vocação da Mulher (MD)<sup>4</sup>.

Embora afirme inequivocamente a igualdade da dignidade de homens e mulheres, tem muito claro que igualdade não significa uniformidade: «essa

2. Entrevista da revista *Palabra*, Outubro de 1967, em ESCRIVÁ, J., *Temas actuales do Cristianismo*, n. 14.

3. Cf. *Ibidem*.

4. Cf. JOÃO PAULO II, *Christifideles Laici (CL)*, nn. 49-52, em que o Sumo Pontífice chama a atenção para a importância da tomada de consciência que cresceu e se aprofundou no período pós-conciliar, de que a mulher, com os dons e as funções que lhe são próprias, tem uma vocação específica própria.

igualdade (...), longe de suprimir as diferenças, exige e enobrece a diversidade. Juntamente com aquilo que tem em comum com o homem, a mulher leva à família, à sociedade civil, à Igreja, algo peculiar, algo que lhe é próprio e que só ela pode dar (...). Assim, feminilidade quer dizer a riqueza e a beleza e a necessidade do seu contributo próprio e insubstituível»<sup>5</sup>. Ignorar esta realidade empobreceria as mulheres e toda a sociedade, deformando ou frustrando a singular riqueza e o valor inerente tanto da feminilidade como da masculinidade, e seria contrário ao desígnio do Criador, que deu a ambos – homem e mulher – características próprias, insubstituíveis e complementares.

### Missão comum do homem e da mulher no desígnio de Deus

A condição para assegurar a justa presença da mulher na Igreja e na sociedade é uma análise penetrante e cuidada dos *fundamentos antropológicos da condição masculina e feminina*, de forma a determinar a identidade pessoal própria da mulher na sua relação de diversidade e de recíproca complementaridade com o homem (cf. CL 50). Assim exprime o Papa João Paulo II a tarefa que ele próprio se propõe levar a cabo e que fundamenta nos textos bíblicos, a começar pelo relato da criação do ser humano, homem e mulher, à *imagem e semelhança de Deus* (Gn 1, 26). Ou seja: os dois sexos possuem a mesma natureza de seres racionais e livres; ambos receberam o mandato comum de submeter a terra; cada um dos dois tem uma relação directa e pessoal com Deus. Quer dizer, tanto o homem como a mulher são pessoas amadas por Deus por si mesmas, e nisto reside a sua dignidade. Nenhum é mais nem menos que o outro (cf. MD 6-8)<sup>6</sup>.

As perfeições do homem e da mulher reflectem algo da infinita perfeição de Deus: as de uma mãe pressurosa e solícita (Ps 131, 2-3) que consola o seu filho (cf. Is 66, 13), que não o pode esquecer (Is 49, 14-15), que o abraça carinhosamente, que cuida dele e o alimenta (Is 31, 20) e, simultaneamente, as de um pai e esposo (cf. Os 11, 1-4; Jer 3, 4-19). O amor de Deus é apresentado em muitas passagens como amor masculino do esposo e do pai, ou como amor feminino da mãe (cf. MD 8). O homem e a mulher, feitos à imagem e semelhança de Deus Uno e Trino, estão, como Deus, chamados a viver em comunhão de pessoas: desde o início aparecem como unidade de dois, o que

5. ESCRIVÁ, J., *Carta*, 29-VII-1965, n. 4, citado por CASTILLA, B., *Considerazioni sull'antropologia "uomo-donna" nell'insegnamento del Beato Josemaría Escrivá*, em *Romana*, 21 (1995/2), p. 438.

6. Cf. BURGGRAF, J., *Per un femminismo cristiano. Riflessioni sulla Lettera apostolica "Mulieris dignitatem"*, em *Romana*, 7 (1988/2), pp. 348-359.

significa a superação da solidão originária, na qual o homem não encontra uma ajuda que lhe seja semelhante (Gn 2, 20). O Papa esclarece que esta ajuda de que fala o *Génesis* é «uma ajuda recíproca» do homem à mulher e da mulher ao homem. Os dois ajudam-se mutuamente a ser plenamente humanos, através das suas qualidades específicas. Ser pessoa à imagem e semelhança de Deus comporta, pois, um existir em relação e um apelo à comunhão interpessoal (cf. MD 6-7).

É significativo que S. Josemaría, que tanto se esforçou por amar com os mesmos sentimentos do coração divino, repetisse com frequência: «*amo-vos com coração de pai e de mãe*», e também que, ao falar da vocação feminina, deixasse entrever a peculiar imagem de Deus presente na mulher; dizia que era «*uma vocação insubstituível, irrepetível, que com a sua vida reflecte a glória, o poder e a beleza do amor de Deus*»<sup>7</sup>.

A base imutável de toda a antropologia cristã está recolhida neste *princípio* bíblico segundo o qual o homem e a mulher foram criados à imagem e semelhança de Deus. O capítulo primeiro do livro do *Génesis* revela que ao *princípio* Deus confiou ao varão e à mulher *uma tarefa comum caracterizada por um duplo aspecto: a família e o domínio do mundo*; este domínio do mundo torna-se efectivo através do trabalho profissional: *Crescei, multiplicai-vos, enchei a terra e dominai-a* (Gn 1, 28). O homem e a mulher estão chamados, portanto, a colaborar conjuntamente em todas as actividades humanas<sup>8</sup>. É, pois, no *Génesis* que o Fundador do Opus Dei vai encontrar o fundamento da doutrina que Deus quis que difundisse à humanidade inteira: a chamada universal à santidade através do trabalho e do cumprimento dos deveres familiares e sociais do cristão; ou seja que tanto o trabalho, como a família, prolongam a obra divina da Criação. Para um cristão, o trabalho aparece como participação na obra criadora de Deus, que, ao criar o homem, o abençoa, dizendo-lhe: *Crescei e multiplicai-vos e enchei a terra e subjugai-a, e dominai sobre todo o animal que se mova à superfície da terra* (Gn 1, 28). Este é o desígnio original de Deus: homem e mulher, conjuntamente, estão chamados a continuar a obra criadora, povoando a terra e governando-a, e a obra redentora, reconduzindo a Cristo todas as coisas, colocando-O no cume de toda a actividade humana. Qualquer realidade humana pode ser trabalho de Deus, Obra de Deus: «*É a hora de nós, os cristãos, dizermos bem alto que o trabalho é um dom de Deus e que não tem nenhum sentido dividir os homens em diversas categorias segundo os tipos de trabalho, considerando umas tarefas*

7. Cf. *Arquivo Geral da Prelatura (AGP)* PO2 1971, pág. 667, citado por CASTILLA, B., *o.c.*, p. 439.

8. Cf. CASTILLA, B., *o.c.*, p. 435.

*mais nobres do que outras*». E ensinava que o trabalho é vínculo de união com os outros; fonte de recursos para sustentar a família; meio de contribuir para o melhoramento da sociedade em que se vive e para o progresso de toda a Humanidade<sup>9</sup>. O homem foi criado para trabalhar (cf. *Gn 2, 15*) e trabalho e família estão intimamente unidos no desígnio eterno de Deus Criador sobre o ser humano. S. Josemaría, inspirando-se no desígnio criador e redentor de Deus, considera que *tanto a família como o trabalho são tarefa comum do homem e da mulher*, chamados a contribuir conjuntamente para a edificação de uma cultura de acordo com a dignidade da pessoa humana. Na base desta espiritualidade encontra-se uma antropologia que, com muitos outros elementos, faz do Fundador do Opus Dei um autêntico pioneiro no anúncio de uma nova civilização. O seu modo de conceber a missão conjunta do homem e da mulher não era habitual nos alvares do século XX<sup>10</sup>.

### **Presença da mulher na vida pública**

S. Josemaría considera a presença da mulher no conjunto da vida social um fenómeno natural e totalmente positivo e defende que uma sociedade moderna, democrática, tem de reconhecer à mulher o direito a participar activamente na vida pública e tem de criar as condições favoráveis para que exerçam esse direito todas as que o desejarem. Esclarece que a mulher que se quer dedicar activamente à direcção dos negócios públicos, tem obrigação de se preparar convenientemente, para que a sua actuação na vida da comunidade seja responsável e positiva. Todo o trabalho profissional exige uma formação prévia, e depois um esforço constante para melhorar esta preparação e adaptá-la às novas circunstâncias que surjam. Esta exigência constitui um dever particularíssimo para os que aspiram a ocupar postos directivos na sociedade, visto que são chamados a um serviço também muito importante, do qual depende o bem-estar de todos.

Uma mulher com preparação adequada deve ter a possibilidade de encontrar aberto o caminho da vida pública, em todos os níveis. Neste sentido, não se podem apontar tarefas específicas da mulher. O específico neste terreno não é dado tanto pela tarefa ou pelo posto, como pelo modo de realizar essa função, pelos matizes que a sua condição de mulher encontrará para a solução dos problemas com que se enfrente, e inclusivamente pela descoberta e pela formulação destes problemas.

9. Cf. ESCRIVÁ, J., *Cristo que Passa*, n. 47.

10. Cf. CASTILLA, B., *o.c.*, pp. 434-435.

A mulher pode enriquecer muito a vida da sociedade em virtude dos dotes naturais que lhe são próprios, especialmente no vasto campo da legislação familiar e social. As qualidades femininas darão a melhor garantia – afirmava – de que serão respeitados os autênticos valores humanos e cristãos no momento de tomar decisões que afectem de alguma maneira a vida da família, o ambiente educativo, o futuro dos jovens<sup>11</sup>. Também nestas convicções, S. Josemaría antecipa o que o Magistério viria a afirmar. João Paulo II, na Exortação Apostólica sobre a Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo, ressalta que da mulher, a Igreja e a sociedade esperam uma particular contribuição, em concreto no *assegurar a dimensão moral da cultura*, isto é, a dimensão de uma *cultura digna do homem*, da sua vida pessoal e social (CL 51). A mulher deve participar activa e responsabilmente nas instituições das quais depende a salvaguarda do primado devido aos valores humanos na vida das comunidades políticas.

A promoção da dignidade feminina é uma verdadeira necessidade social, precisamente porque a mulher possui *uma sensibilidade específica para com o homem e para com tudo o que constitui o seu verdadeiro bem*, a começar pelo valor fundamental da vida. São imensas as possibilidades e as responsabilidades da mulher neste campo, numa época em que o progresso da ciência e da técnica nem sempre é inspirado e pautado pela verdadeira sabedoria, com o risco inevitável de desumanizar a vida humana, sobretudo quando ela exige um amor mais intenso e generoso (cf. CL 51).

A mulher tem uma *especial capacidade para a «humanização» das relações sociais*, para criar espaços de consenso, para uma particular atenção às necessidades das pessoas concretas. Com delicadeza, e por vezes sem que se note, de facto acaba por ter uma acção decisiva nos âmbitos em que trabalha; o Fundador do Opus Dei tem consciência do poder da mulher sobre as pessoas, não por via de imposição, mas precisamente pelo seu modo de influir. Considera que a sua influência tem matizes peculiares e que a sua maior força de persuasão consiste na suavidade com que o faz<sup>12</sup>.

No entanto, não basta a presença da mulher para que o mundo seja efectivamente mais humano: a concretização destas capacidades exige esforço, luta, abnegação, por parte de todos, homens e mulheres, dispostos a dar vida a uma nova cultura, marcada pela compreensão, pelo amor, pela entrega e por uma atitude de serviço recíproca, que Deus inscreveu no coração de cada um (cf. MD 18).

11. Cf. ESCRIVÁ, J., *Temas actuais do Cristianismo*, n. 90.

12. Cf. CASTILLA, B., *o.c.*, p. 442.

Pode haver, e há com certeza, muitas mulheres que não actualizam as potencialidades da sua feminilidade. Mas o coração do Fundador, precisamente porque é um coração de pai e de mãe, acima de tudo conhece e confia: sabe da valentia, da fortaleza, da perseverança, da capacidade de abnegação da mulher, porque a constatou na vida da sua mãe, da sua irmã e das mulheres do Opus Dei. Porque amava, empenhava-se em conhecer a fundo as qualidades e também os defeitos das suas filhas, para as ajudar a combater os aspectos mais negativos da sua personalidade, que não considerava peculiaridades do carácter feminino, mas defeitos que deviam vencer. Advertia-as para o bem ou para o mal que podiam fazer: *«penso que vós mulheres tendes mais facilidade que os homens para ser fiéis. No entanto, tenho que dizer-vos também, minhas filhas, que uma mulher, se lhe dá para o mal, é pior que o homem. Tendes maior capacidade para o bem e para o mal e, por isso, uma maior responsabilidade»*<sup>13</sup>.

Costumava dizer-lhes que aproveitassem os aspectos positivos que os defeitos podem trazer consigo. Talvez por isso, e porque conhecia a vaidade feminina, manifestou sempre um grande empenho em que viessem a influir no âmbito da moda, em muitas nações, para que ajudassem a vestir bem, com elegância e dignidade. Fazia-lhes ver que a sua presença era imprescindível nesse sector da vida humana.

Confiava, pois, na grande capacidade da mulher e animava-as a estar presentes em todas as actividades humanas: *«Que tarefa imensa podeis desempenhar! E quanta confiança tenho em vós»*<sup>14</sup>.

A missão que Deus confia à mulher na sociedade e na cultura, devido à sua sensibilidade específica, está intimamente unida à outra tarefa que lhe foi especialmente atribuída: a de *dar plena dignidade à vida matrimonial e à maternidade*. Precisamente porque *«Deus Criador confiou o homem à mulher»* (CL 51; cf. Gn 2, 18).

### **Papel da mulher na dignificação da vida familiar**

Mons. Escrivá ensinava que a pessoa humana, tanto o homem como a mulher, está enraizada na família, que ocupa um lugar central na vida humana e na sociedade. Quando falava da família, referia-se a ela muitas vezes, num sentido amplo. Em primeiro lugar, a família que deriva do matrimónio, mas também a Igreja é a família dos filhos de Deus, e também o Opus Dei, dentro

13. AGP, P02 1973, pág. 609, citado por CASTILLA, B., o.c., p. 442.

14. AGP, P02 1974, pág. 726, citado por CASTILLA, B., o.c., p. 437.

da Igreja, é *família*; uma família de vínculos sobrenaturais, que é, afinal, um modo peculiar de realizar essa dimensão de eclesialidade, isto é, do ser a Igreja uma verdadeira família. Deste modo, a presença da mulher no Opus Dei não significa só que a espiritualidade e a missão da Prelatura dizem respeito a todos, mas também que tal presença é necessária para que haja efectivamente nela o espírito de família <sup>15</sup>.

O Fundador considerava que a mulher tinha uma especial capacidade de criar e difundir à sua volta, quer no lar, quer no ambiente profissional e na sociedade, um clima familiar, de serviço e entrega aos outros, começando por aqueles que lhe estão mais próximos: ao fazê-lo, ela realiza o mais insubstituível da sua missão, como mulher <sup>16</sup>.

Sabia que um lar dificilmente funciona sem a presença feminina: dela depende a paz e a felicidade da família, e conseqüentemente, a rectidão e a paz da própria sociedade civil.

A tão proclamada «contraposição» entre a dedicação à família e a possibilidade de influência na sociedade é considerada pelo Fundador do Opus Dei um falso dilema. Ele, que sempre ensinou que à mulher deviam estar abertas todas as profissões, reconhecia que *a dedicação às tarefas familiares é de uma enorme repercussão humana e social*. Precisamente porque a família é a célula básica da sociedade, o trabalho no lar é absolutamente decisivo na edificação da sociedade. O trabalho que a mulher realiza na família tem uma transcendência tal, que é precisamente o maior serviço prestado à humanização da pessoa.

Contra o erro, tão difundido, de contrapor as tarefas familiares à possibilidade de projecção social da mulher, ensinava que a projecção social não é senão dar-se aos outros com sentido de entrega e de serviço e contribuir eficazmente para o bem de todos. Desse modo, o trabalho da mulher na família não só é uma função social, como pode ser facilmente a função social de maior projecção. Dizia que o trabalho de uma mãe é comparável – e em muitos casos ganha na comparação – ao dos educadores profissionais. Um professor consegue, talvez ao longo de uma vida inteira, formar mais ou menos bem uns tantos rapazes ou raparigas. Uma mãe pode formar os seus filhos em profundidade, nos aspectos fundamentais, e pode fazer deles, por sua vez, outros formadores, de maneira que se origina uma cadeia ininterrupta de responsabilidades e de virtudes. E mais adiante, afirma considerar o trabalho no lar como

15. Cf. OCÁRIZ, F., *O Opus Dei na Igreja*, Rei dos Livros, Lisboa 1994, p. 190.

16. Cf. ESCRIVÁ, J., *Temas actuais do Cristianismo*, n. 87.



uma profissão de particular transcendência, porque se pode fazer com ele muito mal ou muito bem no próprio âmago das famílias, e portanto, da sociedade<sup>17</sup>.

S. Josemaría, para além do apreço humano que tinha pelas tarefas desempenhadas no seio da família, valorizava-as especialmente pela sua transcendência no plano sobrenatural. Salientava que o trabalho do lar é de primeira importância. E que, aliás, todos os trabalhos podem ter a mesma qualidade sobrenatural. Não há tarefas grandes ou pequenas; todas são grandes quando se fazem por amor. As que são tidas como tarefas importantes ficam diminuídas quando se perde o sentido cristão da vida. Explicava que, diante de Deus, tem tanta categoria a que é catedrática de uma universidade como a que trabalha como empregada comercial ou como secretária, ou como operária, ou como camponesa<sup>18</sup>.

Este era verdadeiramente o «segredo» que Deus lhe tinha pedido que proclamasse em voz alta por todos os caminhos da terra: o valor de um trabalho mede-se, não por critérios materialistas, mas pelo amor – a Deus e aos outros – com que é realizado, pelo espírito de serviço que o impregna.

Ao desenvolver uma nova teologia do trabalho, o Fundador do Opus Dei trouxe ao mundo uma luz potente que possibilita uma compreensão profunda do significado do trabalho na vida cristã; ajuda a ver a ligação que existe entre o trabalho e a família e, conseqüentemente, o significado original e insubstituível do trabalho da casa e da educação dos filhos. O aprofundar o valor e o significado mais autêntico do trabalho elimina na sua própria raiz, qualquer possível discriminação entre as diversas profissões (cf. FC 22). Esta nova luz sobre o significado do trabalho, ajuda a superar a mentalidade segundo a qual a honra da mulher deriva mais das tarefas que realiza fora de casa, do que daquelas que leva a cabo no seio da família. Esta mentalidade não foi ainda superada, em muitos casos, por superficialidade, mas também pelo espírito individualista e materialista que impregna a sociedade do nosso tempo. A rejeição do serviço «coincide com a exaltação prática do egoísmo, que é, realmente, a maior ameaça à realização pessoal, tanto da mulher como do homem, que não se podem encontrar plenamente senão por um dom sincero de si» (MD 7; GS 24)<sup>19</sup>.

17. Cf. ESCRIVÁ, J., *Temas actuais do Cristianismo*, n. 89.

18. Cf. ESCRIVÁ, J., *Temas actuais do Cristianismo*, n. 109.

19. Cf. BURGGRAF, J., *Per un femminismo cristiano*, o. c., p. 350.

O contributo insubstituível da mulher como mãe e educadora é muitas vezes ignorado ou minimizado por considerações de ordem económica, ou profissional, sem ter devidamente em conta o importante papel social que as mulheres desempenham enquanto mães. Desprezam-se frequentemente os trabalhos do lar, que são vistos como rotineiros, como um obstáculo à realização da mulher, quando, na realidade, pode haver monotonia em todo o tipo de tarefas: da fábrica ao laboratório, existe uma fria e cinzenta repetição, pois praticamente todos os trabalhos requerem a ajuda da técnica para a sua realização. Mas não existe monotonia, se o trabalho não se realiza só mecanicamente, mas dando lugar à reflexão, à contemplação, ao pensamento sereno que redime o trabalho diário<sup>20</sup>.

20. Cf. SASTRE, A., *Verdade sobre a mulher*, Civilização, Porto 1969, pp. 146-147.

© *by* Edições LICEL,CRL, Apartado 570, 4711-915 Braga